

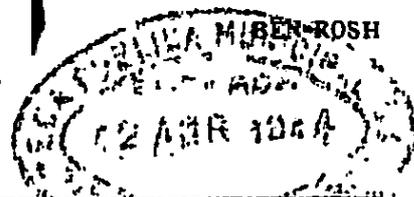
Tudo se ilumina
dara aquêlle que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

(HA-LAPID)
O F A C H O

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.



DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
1. Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

I

Entre as festas religiosas instituídas pelo judaísmo, a que inspira os sentimentos mais profundos de respeito e temor, é sem dúvida a solenidade muito excepcional de Kipur. Os mais interessados, os mais indiferentes, os mais desleixados lembram-se então que são judeus; e, sem que nada os force a isso, vêm encher a Casa de Deus, que se torna acanhada; eles vêm celebrar Kipur, o grande dia do Perdão. Não será pois sem utilidade mostrar aqui a necessidade desta instituição religiosa, de bem determinar as suas condições, de explicar o sentido das práticas sagradas ordenadas pelas leis de nossos pais ou pela tradição de nossos sábios e fazer ressaltar o seu ensinamento profundamente moralizador.

«Eis para vós, diz o Pentateuco, uma eterna lei que vós executareis em tôdas as vossas moradas (Levítico, cap. XXIII). No sétimo mês, no décimo dia, vós afligireis as vossas almas. Vós vos absteréis de todo o trabalho, vós e também o estrangeiro que habite entre vós. (Levítico, cap. XVI). E' a partir do nono dia à noite até à noite do dia seguinte, que vós observareis este repouso consagrado (Levítico, cap. XXIII), é o dia das expiações (Yom Ha-Kipurim), e será para vós uma santa convocação (Levítico, cap. XII).»

Assim a Bíblia nos declara que o dia das Expições deve ser mantido em todo o tempo e em todo o lugar. Israel deixou de ser uma nação, as suas festas agrícolas

só existem nas suas recordações, mas Kipur não pode jamais cessar de ser observado. E' que o fim desta solenidade é completamente independente de toda a circunstância passageira. O homem é de tal modo feito, que se absorve voluntariamente nas suas paixões, nos seus interesses e nos seus trabalhos. Ele traça à sua volta um circulo, vasto ou restrito, e aí encerra os seus pensamentos e a sua actividade, e despreza a maior parte das vezes tudo o que está fora disso. Ele da satisfação à sua necessidade de estudos, de prazeres, de riquezas; mas uma

KIPUR

espécie de abrandamento se opera na moralização da sua alma, se nada o vem tirar as suas idéias de dia a dia, o transportar para as regiões serenas da virtude e do bem, lembrar-lhe finalmente que ele é homem, que ele cai no erro e no pecado, que ele deve reerguer-se disso e aproximar-se de Deus. Kipur responde a esta necessidade da nossa consciência; ele tem por fim inspirar-nos o pensamento de fazer um solene regresso a nós próprios. Ele nos oferece uma ocasião muito particular de nos arrepender-nos e regressar ao bem.

Há no principio desta instituição uma profunda sabedoria. Não somente ela responde a uma necessidade íntima do próprio coração, mas ainda ela um poderoso socorro à sua fraqueza; ela tem a imensa vantagem de trazer à nossa alma esta convicção: que não há nenhuma falta, por grave que seja, da qual não se possa obter o perdão; e é precisamente esta

certeza que torna possível o melhorarmos, que se julga, com efeito uma doutrina que cerca de dificuldades a reparação dos vulgares delitos. Contas severas são tomadas das faltas de cada um, nenhuma indulgência espera os infelizes culpados. Por vezes a expiação é tornada tão custosa que ela se torna quasi uma impossibilidade para a fraqueza humana. E' caso de escrever como o Salmista:—Se tu guardas as iniquidades dos homens grande Deus, quem pois poderá subsistir? (Salmo. 130) Qual será a influência sobre a nossa alma duma tal doutrina?

Uma decadente tristeza penetrará os nossos corações, o desencorajamento se se apoderará de nós; não tentaremos corrigir-nos; nós perseveramos nas nossas iniquidades, no próprio crime. *Sem esperança do perdão*, diz uma nossa poesia tradicional, *os culpados continuam a entregar-se aos actos mais abomináveis*. (Mussaf). Assim não acontece quando a indulgência é anunciada aos pecadores. O nosso salutar Kipur vem cada ano nos trazer as mais doces promessas. A lei nos diz:—Que neste dia terá lugar a expiação que deve nos purificar de todos os nossos pecados e nos tornar puros perante Deus. (Levítico, XVI). Uma tal esperança nos dá toda a nossa energia. O pecado e o mal já não são para nós adversários invencíveis; nós poderemos achar a força de os dominar. Está escrito:—O pecado é posto à porta, ele aspira a esperar-te; mas tu, podes dominá-lo (Genesis VI, 7). Desde então nós nos esforçamos de nos tornar-nos melhores, nós nos sentimos como ajudados no nosso regresso ao bem; parece que a própria mão divina nos ajuda a purificar-nos das nossas faltas. A vitória será talvez difícil para nós, mas ela será gloriosa. Pecadores arrependidos, nós poderemos elevar-nos à categoria dos justos; talvez possamos mesmo subir mais alto.

Mas se a solenidade de Kipur tem por objectivo apagar os nossos pecados é importante que nós compreendamos bem sob qual condição esta expiação pode-se efectuar para nós. Seria errado crer que Kipur possui em si próprio uma virtude especial para o resgate das nossas faltas, e que elle apaga todos os nossos delitos como por encanto. Isto seria verdadeiramente uma instituição duma grande comodidade

para os culpados. Depois de terem cometido faltas de toda a espécie, elles chegavam ao dia de Kipur, sem demasiado desgosto e o coração bastante aliviado, dizendo para consigo:

—«Eu fiz mal durante todo o ano, mas a penitência de Kipur me servirá de expiação, e eu serei perdoado». A doutrina israelita não admite semelhantes accommodações; ella odeia as restrições de consciência e a moral fácil. Em tais condições Kipur não seria mais do que um jôgo sacrilego, e o mais enganado seria o homem bastante insensato para se entregar a isso. É preciso antes de tudo que Kipur não seja um cálculo do vicio que procura um pretexto para continuar as suas desordens; é preciso antes de tudo que Kipur seja uma expiação séria, profundamente sentida, bem resolutamente executada; é a única que possa ser admitida perante Deus. A nossa alma, entristecida pelo pensamento do mal praticado, deve elevar-se com convicção para com o Dispensador supremo de todo o perdão e lhe oferecer em sacrificio um coração arrependido e contrito. «Kipur, dizem os nossos sábios, produz a expiação, mas com o arrependimento».

Mas qualquer que seja a sua efficacia, o arrependimento não basta sempre. Que nós tenhamos cometido contra Deus faltas graves, que nós tenhamos desconhecido a sabedoria da sua providencia e esquecido os nossos deveres para com elle, nós nos tornaremos grandes pecadores; mas nós poderemos ainda esperar uma misericórdia infinitamente maior que as nossas faltas. «A transgressão dos deveres para com Deus, diz o Talmud, é expiada pela observação de Kipur». Mas é tolice que a penitência de Kipur não pode em nenhum caso opor: são os delitos cometidos contra o próximo. Antes da expiação cerimonial é preciso reparar, tanto quanto podermos, o mal que tenhamos feito a outrem. Se nós ofendemos o nosso irmão na sua honra, nos seus interesses, nós devemos primeiramente fazer-lhe aceitar a expressão do nosso desgosto e de obter o seu perdão. Nos restará então pôr-nos em regra conosco e com Deus: é a penitência que acabará a obra.

II

Desde que nós tenhamos compreendido a razão de ser de Kipur e as condições nas quais ele deve ser observado, nós tomaremos sentido facilmente nas cerimónias ordenadas outrora aos israelitas em Jerusalém. Nós vimos que Kipur tem por fim fazer penetrar em nós uma verdadeira contrição, um arrependimento sincero. Tudo para isso concorria nos ritos religiosos dos antigos hebreus. Kipur, chamado pela lei *um sábado solene*, era cercado por uma pompa austera e grave.

Não eram santos regozijos, como nas três festas de Páscoa, de pentecostes e das Cabanas, mas cerimónias ao mesmo tempo severas e majestosas.

Um repouso absoluto era ordenado; não era permitido sequer rompê-lo para preparar a nossa alimentação. Nós devíamos entregarmo-nos ao jejum, como se quiséssemos de certa maneira quebrar com a terra e com as nossas necessidades, para melhor se elevar pensamentos em ordem superior. Com o fim de tornar mais imponente o ofício religioso celebrado no templo, era ordenado ao Grande Sacerdote de funcionar pessoalmente. Todo o serviço do santuário era até, segundo a tradição, preenchido por ele durante todo o dia de Kipur. Após uma primeira ablução, o Grande Sacerdote vestido com uma simples túnica de linho branco, oferecia em sacrifício um bezerro para expiar as suas faltas pessoais e as da sua família. Purificado ele próprio por esta cerimónia simbólica, ele podia fazer-se órgão do povo e pedir ao Senhor um perdão solene para todas as assembléias. Ele penetrava então uma primeira vez no Santo dos santos, ali fazia queimar incenso perante a arca de aliança, e dali saía pouco depois para cumprir os ritos expiatórios em favor de Israel. Dois bodes lhe eram apresentados em nome do povo; tirando as sortes ele designava o que devia ser sacrificado ao Senhor, ele o imolava, e apresentava-se uma segunda vez perante a arca de aliança.

Quando o Grande Sacerdote tinha deixado o Santo dos santos traziam-lhe o bode que ficara vivo; a sorte tinha-o designado para Hazazel; o pontífice punha as suas duas mãos sobre a cabeça deste animal e pronunciava muito alto a confissão

geral dos pecados do povo; o bode achava-se carregado deles de certa maneira, e devia levá-los consigo para o deserto, onde ele ia ser conduzido. Durante esta confissão o Grande Sacerdote pedia ao Senhor o perdão dos culpados; e a toda a assembléia, da qual ele era o augusto intérprete, se prostrava com a face contra a terra, ouvindo o nome inesfável da Divindade. Era depois desta oração que o bode destinado a Hazazel era conduzido ao deserto.

Que significa esta misteriosa cerimónia? O que é este rito ordenado pela lei de nossos pais? O culto antigo dos Hebreus se servia, para fazer impressão sobre os espíritos dos homens, de cerimónias expressivas que bastava vê-las para lhes compreender o sentido e o alcance. Tudo era simbólico e representação. O Grande Sacerdote, intermediário entre o Senhor e o povo, trazia sobre a sua tiara o nome de Deus e sobre o seu peito o das doze tribos. O pão ázimo, amassado e cozido à pressa, lembrava as misérias do Egito e a precipitação da partida. A festa das Cabanas era a recordação da longa permanência no deserto debaixo das cabanas de folhagens. Se se encontrava no campo uma pessoa assassinada e que o matador era desconhecido, o chefe do povo oferecia públicamente um sacrifício e lavava as suas mãos sobre a vítima para declinar toda a parte à impunidade do crime. Um leproso se apresentava no santuário após a sua cura, ele trazia duas pombas uma era colocada sobre o altar, outra posta em liberdade, voava, representando a impureza do leproso que desaparecia.

A cerimónia do bode emissário enviado a Hazazel era também um símbolo. Ela tinha para todo o povo o mesmo sentido que a oferta das duas pombas para o leproso. Quando o bode destinado ao Senhor tinha sido imolado, o outro era votado à destruição (Hazazel). A impureza, simbolizada pela pomba, voou e não existe mais. O pecado, representado pelo bode emissário, deve ser expressamente destruído. Também o bode não era deixado em liberdade, mas conduzido ao deserto e lá precipitado, segundo a tradição, num abismo, onde ele perecia imediatamente.

Depois do cumprimento deste rito todo

O Gato devoto

CONTO JUDAICO

POR I. L. PERETZ

Havia numa casa três passaros cantores que todos três foram, um apos outro, maltratados pelo gato.

Não era um gato vulgar, mas um gato verdadeiramente devoto, tambem não era sem motivo que êle usava a alva, a candida vestimenta imaculada e tinha olhos onde se reflectia todo o céu.

Era um gato piedoso, um gato que fazia as suas abluções. Dez vezes por dia êle se lavava, e comia muito vagarosamente, acaçapado a um canto. Durante todo o dia, um pedacinho de qualquer lacticínio encontrado aqui e acolá lhe bastava e só quando era chegada a noite era que comia carne, da boa carne licita de rato...

E pois êle não se apressava na comedoria como os de baixa especie. Êle não se apressava, nem se empanturrava como fazem os glutões, mas comia lentamente, gozando com isso. Que viva ainda um momento o rato, ainda um minuto; que dance ainda um pouco, que trema e que faça a sua suprema confissão; um gato piedoso não se apressa.

Quando trouxeram o primeiro pássaro para a casa, o gato sentiu imediatamente por êle uma grande piedade; êle tinha o coração contricto.

— Ê tão bonito, gemia êle, tão pequeno; e dizer um pássaro tão gracioso não gozará das alegrias celestes. Isto não pode merecer o céu! Isto diz o gato com convic-

ção. Primeiramente porque isto se lava duma maneira bem laica, isto mergulha todo o seu corpo numa terrina com água.

Depois, só o facto de ser pôsto numa gaiola demonstra que é um bicho mau. Apesar de ainda ser novo, meigo e bom, êste pássaro cantor mostra já mais inclinação para a violência do que para a submissão!

Agora que dizer dêste canto, êste canto atrevido, êste assobiar e esta maneira desrespeitosa de olhar direito para o céu! E êstes esforços para partir a gaiola, para voar para o mundo ímpio, para o ar livre; e êste olhar voltado para a janela aberta!...

Já alguém viu um gato encerrado numa gaiola? Um gato piedoso ousou alguma vez assobiar tão descaramento?

— Contudo é pena, suspira o terno coração do gato devoto; não é um ser vivo, uma alma preciosa, uma centelha lá de cima!

Lágrimas molharam os olhos do piedoso gato:

— E tôda a desgraça vem de que êste corpo ímpio é tão bonito, tão atraído para os gozos terrestres e que o Espírito de Tentação tem tanto poder sobre êle.

Como um passarinho tão meigo poderia resistir a êste temível Espírito de Tentação! E quanto mais isto vive, tanto mais isto comete pecados e tanto maior será o castigo...

Ah! exclamou êle.

representativo, o Grande Sacerdote purificava-se por uma nova ablução, tirava os seus vestidos de linho, cobria-se com as suas vestes pontificais e voltava ao altar para continuar o seu serviço. Esta purificação, estas vestes mudadas significava que depois da destruição do pecado, o perdão do Senhor faz do culpado um novo homem. O povo, liberto das suas iniqui-

dades, obtinha a graça de Deus e tornava-se puro. Profundamente penetrado pela majestade do espectáculo que se lhe offerecia durante êste dia solene, êle experimentava infalivelmente o sentimento de arrependimento que o culto público de Kipur tinha por fim de excitar nêle e assim reconciliar-se com o Eterno.

(Continua).

E um fogo sagrado inflama o gato.
 Êle saltou sôbre a mesa onde estava a
 gaiola com o pássaro, e
 Penas voaram pela sala .

*

Encheram-no de pancadas. Mas o gato
 aceitou-as com humildade. E depois de
 ter gemido piedosamente, êle se pôs a
 miar uma lamentosa *mea culpa*

O gato não cometerá mais esta falta..

O gato razoável compreendeu porque
 foi batido. Doravante êle não merecera
 mais pancadas.

— Bateram-me, raciocinou êle, porque
 espalhei penas pela sala; porque ficaram
 nódoas de sangue na toalha branca e fina-
 mente bordada... Quando se executa uma
 semelhante sentença, é preciso fazê-lo com
 bondade, com doçura e piedade; é preciso
 não deixar voar penas, não deixar cair
 gotas de sangue...

Também quando trouxeram um segundo
 pássaro cantor para casa, êle matou-o desta
 vez docemente, delicadamente e engoliu
 corpo e penas.

*

Chicotearam o gato.

Esta vez êle compreendeu finalmente
 que se não tratava de penas, nem de
 nódoas de sangue deixadas sôbre a
 toalhã.

O segredo procurado era: não era per-
 mitido matar! É preciso pelo contrário
 amar, perdoar. Não é o castigo pelos
 suplicios que se tornará melhor o mundo
 corrompido pelo pecado!

E preciso reconduzir ao bem, prègar a
 moral, falar ao coração!

Um canário penitente pode alcançar um
 tão-alto lugar no céu que o gato piedoso
 ficará muito abaixo d'êle!

E o gato sentiu o seu coração encher-se
 de alegria. Findo o velho tempo duro e
 mau. Terminadas as efusões de sangue!

Piedade, piedade e sempre piedade!

*

E foi cheio de piedade que êle se apro-
 ximou do terceiro canário.

— Não te assustes, disse com a mais doce
 voz que jamais saiu de garganta de gato.
 Tu estás carregado de pecados, mas eu não
 te farei mal, porque tenho piedade de ti!

Eu não abrirei a gaiola, nem sequer te
 tocarei!

Tu calas-te? Muito bem! Antes que
 cantar atrevidamente, vale mais calar-se.
 Tu tremes? Tanto melhor! Treme, meu
 filho, mas não por minha causa.

Queira Deus que tu fiques assim, sem-
 pre meigo, puro e tímido!...

Eu te ajudarei a tremer. Da minha
 alma piedosa eu soprarei sôbre ti calma,
 meiguice e piedade... Que com o meu
 halito penetre no teu corpo a fé, o temor
 divino nos teus ossinhos, o remorso e o
 arrependimento no teu coraçãozinho!

Não foi senão agora que o gato vê
 como é doce perdoar, que alegria é fazer
 penetrar em outrem o sôpro de piedade e
 virtude...

E o coração piedoso do mais piedoso
 dos gatos brancos incha de contentamento.

Mas o canário não pode respirar nestã
 atmosfera do gato.

.....

Isto o abafou!

Os vícios e o castigo

(FÁBULA)

Os vícios resolveram um dia percorrêr
 a terra.

A ruína e a desolação caminhavam
 sôbre as suas pègadas.

Por todos os lugares por onde êles
 atravessavam, a erva secava; as árvores
 das florestas despojavam-se da sua verde
 folhagem; os campos tornavam-se incultos;
 as estradas enchiam-se de serpentes e nós
 ares volitavam os sombrios morcegos.

Êles correram muito tempo sem olha-
 rem para trás. Contudo, um dia êles vol-
 taram-se e viram que alguém os seguia a
 passo lento e tranqüilo.

— Quem és tu? — lhe perguntaram êles.

— Eu sou o Castigo — lhes respondeu
 aquêle que caminhava atrás d'êles.

— Deixa de vir atrás de nós. Tu não
 nos poderás alcançar.

Mas o Castigo respondeu-lhes:

— Eu chegarei talvez um pouco tarde,
 mas sempre chegarei.

ISAAC LEVI, Grand Rabbi.

Para se fazer uma algemia luso-hebraica

O Conselho Escolar do Instituto Teológico Israelita do Pôrto resolveu fixar as regras para se escrever o português com caracteres hebraicos, atendendo à maneira como os antigos judeus portugueses escreviam, conservando a tradição, mas introduzindo algumas pequenas alterações de modo a facilitar a leitura dessa escrita. Resolveu pois que:

- A — seja representada por Aleph; no final das palavras por Hé.
 B — seja representada por Beth.
 C — com o valor de q por um Qoph e com o valor de ç por um Samekh.
 D — por Daleth.
 E — por um Yod com um ponto ou acento agudo por cima da letra.
 F — por um Pé com um ponto ou acento por cima da letra.
 G — com o valor de j emprega-se o Ghimel com um ponto ou acento por cima da letra; com o valor de gue escreve-se o Ghimel sem alteração alguma.
 H — por Hé
 I — por um Yod.
 J — por um Ghimel com um ponto ou acento por cima da letra.
 K — por um Qoph.
 L — por um Lamed.
 M — por um Mem.
 N — por um Nun.
 O — por um Vav com um ponto ou um acento por cima da letra.
 P — por um Pé.
 Q — por um Qoph.
 R — por um Resh.
 S — por um Samekh; quando tiver o valor de Z por um Zain.
 T — por um Teth ou por um Tav.
 U — por um Vav.
 V — por um Beth com um ponto ou acento por cima da letra.
 X — por um Shim.
 Y — por um Yod.
 Z — por um Zain.

O som lh português será representado por Lamed yod e o nh por Nun Yod.

O til português será representado por

NA LIVRE AMÉRICA

Mensagens do Ano-Novo

Mais vale tarde do que nunca, diz um provérbio popular português. Há poucas semanas, devido atraso de correspondência motivado pela guerra, nos chegou às mãos um exemplar do jornal judeu de Nova-Iorque *Forward*, de domingo, 6 de Setembro de 1942, onde acompanhadas dos respectivos retratos vêm as mensagens que o Ex.^{mo} Presidente dos Estados Unidos e dos Ex.^{mos} Ministros da Marinha e do Interior dirigiram ao povo judeu por ocasião do começo do ano hebraico de 5703. Transcrevemos as respectivas mensagens:

Do Presidente dos Estados Unidos
 Sr. Franklin Delano Roosevelt;

«Por ocasião do Novo-Ano judaico, eu dirijo ao povo judaico da América as minhas cordiais saudações. O trágico momento que tem temporariamente deixado muitos povos do mundo sofrendo debaixo da áspera dominação de ditadores estrangeiros, tem incitado a América para a luta e tem fortalecido a nossa resolução que não será transigida no combate contra o ódio, a intolerância e o fanatismo.»

Do Ministro da Marinha dos Estados Unidos
 Sr. Frank Knox:

«Eu dirijo aos judeus da América por ocasião de Rosh-Hashanah, o Novo-Ano

um traço horizontal por cima da vogal que afecta.

Segundo o uso tradicional de *ladino* a conjunção copulativa e será representada por Aleph Yod, e ainda segundo o mesmo uso tôdas as palavras que na algemia luso-hebraica comecem por um Yod, esta letra será precedida de um Aleph.

Nota — Julga-se que este uso será devido ao respeito pelo Yod que é a primeira letra do tetragrama sagrado (Nome de Adonai).

judaico, os meus melhores desejos. Nesta grande guerra para as liberdades e independência de muitas raças, incluindo os judeus da Europa ocupada, os judeus da América tem correspondido nobremente para o excessivo esforço para derrotar decisivamente os brutais opressores da humanidade. Será por trabalho, sangue e riquezas que todos os grupos raciais e religiosos do nosso querido país conseguirão a vitória final.»

Do Ministro do Interior dos Estados Unidos
Sr. Harold L. Ickes:

«Este é um ano particularmente auspicioso no qual para mandar uma mensagem de cumprimentos aos judeus na ocasião do Ano-Novo judaico.

Os judeus foram as primeiras vítimas de Hitler, e por isso os mais antecipados combatentes contra o nazismo. Eles têm também sido os mais brutalmente tratados de todas as vítimas de Hitler, e por isso o seu mais severo adversário.

Pode a nossa comum vitória trazer a realização dos sonhos de justiça e liberdade dos velhos profetas não somente para os judeus mas para toda a humanidade.

VIDA COMUNAL

Festividades de Tishri— Na Sinagoga Kadoorie Mekor H'aïm, à Rua Guerra Junqueiro n.º 340, se realizaram as festividades de Rosh Ha-Shanah (Ano-Novo), Yom Kipur (Dia da Expição) e Sukoth (Cabanas). Tomaram parte nas solenidades os Srs. Menasseh Bendob, S. Womser, S. Finkelstein e Samuel Rodrigues.

Na assistência viam-se israelitas polacos, alemães e portugueses. Da província vieram vários israelitas professos e maranos assistir às cerimónias.

Membro benemérito— O Mahamad na sua sessão de 1 de Tamuz de 5703 (4 de Julho de 1943) resolveu que fôsse aclamado membro benemérito desta Comunidade o Sr. Menasseh Bendob, um dos seus fundadores, por ter durante os vinte anos da existência dela, dedicado o seu esforço, boa vontade e fé inabalável ao desenvolvimento da liturgia, instrução e assistência israelita na cidade do Porto, animado sempre dum espírito construtivo tanto nas obras espirituais como nas morais.

CONSULTÓRIO

III

Do Sr. Doutor A. Saavedra, distinto clinico, recebemos as seguintes perguntas:

1.ª — Qual a tradução mais literal possível do versículo 16 do capítulo I do Êxodo?

R. — E disse (o Faraó, dirigindo-se às parteiras do reino): quando assistirdes às mulheres hebreias e as virdes sobre as pedras (dual), se (fôr) filho, o matarás, se filha, ela viverá.

2.ª — Nesse versículo há alguma palavra que possa indicar qualquer espécie de cadeira de parto?

R. — Há. A palavra *obernaïm* (significa um par de pedras) foi sempre interpretada, por conscienciosos hebraístas, como cadeira de parto.

Para comprovar o que afirmamos citamos os seguintes dicionários; *Dictionnaire Hebreu-Français*, por M. N. Ph. Sander, professeur et M. I. Trenel, Directeur de l'École Central Rabbinique. — Paris. Esta obra foi-nos em tempos idos recomendada pelo Dr. Nahum Schloucheh, professor de Hebreu na Sorbone e ali sucessor de Ernest Renan.

Lexicon Hebraicum et Chaldaicum in libros veteris Testamenti ordine etymologico, por E. F. Leopold-Lipsiae, Sumptibus succ. Ottonis Holze — 1896.

O primeir dicionário dedicado traduz *obernaïm* por *Siege sur lequel les femmes etaient assises au moment de l'enfantement*; o segundo traduz por *sella parturientium*.

3.ª — Houve uma pessoa estrangeira que reside em Lisboa, que traduziu *obernaïm* por atributos de sexualidade masculina, pode aceitar-se como boa tal tradução?

R. — Não. Há certos judeus que usam fazer do texto bíblico interpretações fantásticas, numa forma semelhante a que usavam os escolásticos cristãos da Idade-Média nas suas discussões casuísticas. O Pentateuco usa uma linguagem muito clara e precisa sem empregar eufemismos, exemplo no Levítico; cap. 21, vers. 20, fala de descendentes de Aarão que não poderão fazer ofertas ao Senhor... *aquêle que tiver testículo esmagado*, e o texto emprega a palavra *Eshekh* (Aleph, Shïm, Khaph) que significa testículo.

1923-1943

Nome Litúrgico da Comunidade

Em 1935 foi escolhido pelos Senhores do Mahamad o seguinte nome litúrgico para a nossa Comunidade:

Kahal Kadosh Mekor H'aïm (Sagrada Congregação Fonte Vital).

Primeira sessão do Mahamad

Realizou-se no dia 4 de Agosto de 1923.

Secções da Comunidade

A 15 de Janeiro de 1924 (9 de Shebat de 5684) foi aprovada em sessão do Mahamad a criação de 5 secções:

- 1.^a — Emunah Israely (Culto Israelita).
- 2.^a — Limud Israely (Instrução Israelita).
- 3.^a — H'assuth Ha-Poalim (Patronato dos Trabalhadores).
- 4.^a — Maghen Adom (Signo Vermelho).
- 5.^a — H'ebrach Kadishah (Repouso Eterno).

Grupo Sionista Judah Ha-Levy

Na Assembleia Geral de 5 Elul de 5693 (27 de Agosto) foi criado este grupo.

O primeiro casamento

O primeiro casamento realizada nesta Comunidade foi em Agosto de 1925 (Ab de 5685) celebrando-se a cerimónia na Escola Eben-Mussad sendo o noivo o Sr. Menasseh Bendob.

O primeiro Herem

Na Assembléia Geral da Comunidade de 22 de Tebet de 5698 (26 de Dezembro de 1937) foi lançado o primeiro Herem (Ex-comunhão). Os seus corpos passeiam ainda entre os homens mas as suas almas morreram.

Periódico Israelita

O Mahamad na sua sessão de 24 de Março de 1927 (20 de Veadar de 5687) resolveu a criação dum periodico israelita. Pouco tempo depois apareceu o *Ha-Lapid*.

Biblioteca

Foi criada pelo Mahamad a 27 de Abril de 1926 (13 de Yiaz de 5686) e mais tarde incorporada na *Biblioteca Rabi Dr. David Sola Pool*, criada pelo Instituto Teológico Israelita, sob cuja direcção ficou.

Escolas

Beth Ha-Sepher Eben-Mussad (Escola Elementar Israelita Pedra Fundamental) foi criada pelo Mahamad na sua sessão de 19 de Fevereiro de 1925, (26 de Shebat de 5685) e foi inaugurada pouco tempo depois por uma conferência popular feita pelo Capitão Barros Basto na Rua do Bonjardim n.º 434.

Yeshibah Rosh-Pinah (Instituto Teológico Israelita Pedra Angular) foi criada pelo Mahamad na sua sessão de 6 de Junho de 1929 (18 de Sivan de 5689) e principiou a funcionar a 4 de Dezembro de 1929, na Rua 5 de Outubro n.º 99 com cinco alunos internos (três trasmontanos e dois beirões).

Em fins de Setembro de 1930 ficou instalado na Rua Guerra Junqueiro n.º 340 (Edifício da Sinagoga).

A Assembleia Geral da Comunidade na sua sessão de 25 de Agosto de 1931 concedeu autonomia a este Instituto desde Outubro de 1930.

O Mahamad na sua sessão de 4 de Agosto de 1940 criou as seguintes escolas profissionais:

Beth Ha-Sepher Esheth H'ail (Escola de Educação e Trabalho Doméstico Mulher Virtuosa) e **Beth Ha-Sepher Derekh H'aïm** (Escola Profissional Israelita Caminho de Vida).